



13º MARCHA DA PERIFERIA

**CURIÓ CANTA POR LIBERDADE:
LUTAMOS POR REPARAÇÃO E
BEM VIVER DAS FAVELAS À PALESTINA!**

**CARTA - MANIFESTO DA
13º MARCHA DA PERIFERIA**



CARTA - MANIFESTO DA 13º MARCHA DA PERIFERIA DE FORTALEZA

CURIÓ CANTA POR LIBERDADE: LUTAMOS POR REPARAÇÃO E BEM VIVER DAS FAVALAS À PALESTINA!

AA 13ª marcha da periferia de Fortaleza se consolida como um importante espaço de articulação dos movimentos sociais, coletivos e entidades na defesa das comunidades, da população negra e dos direitos historicamente negados ou negligenciados. Nos últimos anos, tem sido um dos principais espaços de denúncia das desigualdades na periferia e de exigência por justiça, direitos e dignidade.

O ano de 2025 foi marcado por gestores de vários campos políticos fazendo das mortes um palanque eleitoral: seja o massacre liderado pelo governador Cláudio Castro no Rio de Janeiro, seja a comemoração de ações policiais que vitimam adolescentes no Ceará. Em nome do combate ao crime organizado, o que deveria ser uma Política Integrada de Segurança Pública se restringe a operações militarizadas e repressivas nas periferias, enquanto os maiores criminosos e financiadores permanecem nas coberturas do Leblon, nos escritórios da Faria Lima e em Brasília. Por isso, exigimos o fim da criminalização das periferias, de comunidades e das favelas e dos territórios marginalizados pela desigualdade social, pelo desemprego e pela ausência de saúde, educação, moradia e dignidade. Exigimos o fim do controle, vigilância e repressão das comunidades e exigimos investimentos em políticas de educação, cultura, esporte, profissionalização, inserção produtiva e qualificação urbana e ambiental.

A guerra às drogas — racista em sua essência — segue sendo o motor de uma política que extermina jovens negros e penaliza a pobreza. A violência institucional atravessa famílias inteiras, que, mesmo enlutadas, ainda precisam buscar sozinhas respostas e justiça. O silêncio e a omissão do Estado burguês sustentam um projeto de controle e subordinação por raça, classe, gênero e sexualidade.

No Estado do Ceará, o governador Elmano de Freitas tem reforçado discursos e políticas de recrudescimento penal e policial, inspirando-se em iniciativas punitivistas típicas da Direita mais conservadora e anti-democrática. Enquanto aumenta a pressão por números, nenhuma melhoria estrutural é feita: o sistema prisional está superlotado e nos devolve pessoas ainda mais envolvidas com a atividade criminosa; o modelo de segurança é reativo e reproduz violências e iniquidades. As políticas armamentistas estão chegando também na esfera municipal, com a crescente militarização da Guarda pelo prefeito Evandro Leitão. Em seus discursos, tanto Evandro Leitão quanto Elmano de Freitas falam sobre políticas de paz e segurança pública, mas nós lhe perguntamos: quais corpos possuem o direito à paz e a segurança? Quais os territórios sofrem chacinas? Quem é protegido?

A Segurança Pública Popular, defendida pelas organizações que constroem a 13º Marcha da Periferia, surge como resposta ao modelo falido que o governo do Estado insiste em aprofundar: uma segurança pública armamentista, que transforma policiais em máquinas de produzir morte e encarceramento, premiando quem mais atira, quem mais encarcela e quem mais viola direitos. Esse modelo não reduz violência, ele a multiplica, alimenta o terror nas periferias e legitima a barbárie como método de gestão. A Segurança Pública Popular aponta outro caminho: um projeto que rejeita o armamentismo, o encarceramento em massa e a lógica de guerra. Propomos a desmilitarização da política, a garantia da vida, a participação popular e as políticas de cuidado, prevenção e direitos. Segurança de verdade só existe com o povo vivo, organizado e respeitado.

Diante disso apresentamos à sociedade e aos órgãos do poder público a síntese de nossas denúncias e proposições:

1- A Marcha da periferia luta por memória, justiça, reparação e bem viver. Não esqueceremos a chacina do Curió e lutamos para que não se repita em nenhum território. Defendemos a responsabilização do estado e seus agentes. Lutamos pelo fortalecimento dos programas de proteção e das redes de apoio às vítimas da violência, inclusive e sobretudo quando praticada pelo próprio Estado. É preciso fortalecer os grupos de mães e familiares de vítimas da violência, para que avancem nas suas reivindicações e para que não sejam revitimizadas.

2- Denunciamos a política de encarceramento em massa que mantém a exclusão e o ciclo da violência que extermina a juventude negra e pobre. O Estado brasileiro aposta na ampliação das prisões, no endurecimento do sistema socioeducativo e ignora políticas para egressos, seguindo a agenda da extrema direita que usa a dor das vítimas para justificar mais violência. A guerra às drogas repete a mesma lógica: é ineficaz, criminaliza a pobreza, aumenta internações involuntárias e fortalece a lógica manicomial das comunidades terapêuticas, tratando o uso de drogas como caso de polícia em vez de saúde pública. Defendemos políticas de Redução de Danos, com ampliação e qualificação da Rede de Atenção Psicossocial.

3- A Marcha da Periferia denuncia a violência de Estado que atinge, de forma desproporcional, a população negra e pobre, principal vítima desse cenário. Em 2024, o Brasil registrou 44.127 mortes violentas intencionais (MVI), das quais 79% eram pessoas negras e 49% jovens de até 29 anos. O Nordeste é a região onde a letalidade policial está mais elevada, e o Ceará se destaca por estar acima da média nacional em mortes provocadas por policiais, além de ocupar o terceiro lugar entre os estados com maior taxa de mortalidade. Diante desse contexto, torna-se urgente adotar um conjunto de medidas preventivas que inclua a defesa da escola pública com estrutura adequada, profissionais qualificados e educação de qualidade. Também é fundamental a formação continuada dos profissionais de segurança pública e o fortalecimento, com garantias de orçamento, para o Plano Juventude Negra Viva.

4- Lutamos nos bairros, nos trabalhos e nas escolas por mais direitos, emprego para todos e salário justo de verdade! Não há como enfrentar a pobreza e a desigualdade sem reduzir a jornada de trabalho, garantindo mais postos de emprego, tempo livre para o lazer e convivência familiar. As periferias seguem na defesa da revogação das reformas que retiram direitos: a da Previdência, que agrava especialmente a situação das mulheres; a trabalhista, que fragilizou ainda mais as garantias laborais; e a administrativa, que ameaça precarizar o serviço público e penalizar justamente quem mais depende dele: a população periférica. Defendemos ainda o fortalecimento dos sindicatos e entidades de classe, o combate à precarização do trabalho, marcada pelo avanço das terceirizações e dos contratos temporários, a valorização da CLT, o fim da escala 6x1 e a taxação dos super ricos. Em Fortaleza, exigimos do prefeito Evandro a revogação do ajuste fiscal aprovado em outubro.

5- Por uma cidade mais justa e livre para ir e vir. A Marcha da periferia luta desde o seu início pelo livre acesso aos transportes públicos e por isso impulsiona a luta pela gratuidade no transporte público de Fortaleza, a Tarifa Zero, que pressupõe o controle social do transporte pela população organizada e a estatização do mesmo. É preciso a organização popular em comitês que discutam a situação da qualidade do serviço, a ampliação e melhoria das rotas, a descarbonização da frota e a integração com os outros modais de transporte como o metrô e o VLT de Fortaleza. É preciso ainda a criação de uma secretaria de transporte público para pôr fim ao monopólio do Sindônibus sobre o transporte da cidade.

6- A saúde mental da população vem sendo profundamente afetada pelos efeitos do neoliberalismo, que individualiza problemas que são essencialmente sociais. Essa pressão recai de forma ainda mais intensa sobre as mulheres, responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e de cuidado, assim como sobre a juventude. Diante disso denunciamos o sucateamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e a priorização de modelos centrados apenas em diagnóstico e medicalização, que reforçam retrocessos manicomiais. É urgente estruturar e ampliar os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), garantir concursos públicos para profissionais da saúde, fortalecer equipes multiprofissionais e criar serviços especializados no cuidado às vítimas de violência, alinhados ao cuidado em liberdade. Diante do aumento das avaliações e diagnósticos relacionados a neuro diversidades, é igualmente necessária a ampliação do apoio às famílias, a formação continuada das equipes escolares e o cumprimento da Lei 13.935/2019, que assegura a presença de profissionais de psicologia e serviço social na educação básica. Também defendemos o fortalecimento da PNAISARE, garantindo proteção social ampliada e políticas intersetoriais que respeitem a dignidade e os direitos de quem sofre.

7 - A marcha da periferia se coloca também em defesa de uma política de saúde integral para os profissionais da segurança pública. Entendemos que pesa sobre eles a pressão do trabalho, a vulnerabilidade da violência e a hierarquia que muitas vezes se realiza sob a forma de assédio moral, subjugando no dia a dia o profissional que necessita de preparo e amparo em saúde para lidar com as tensões cotidianas. Não à toa temos, no Brasil, um número maior de mortes dos profissionais de segurança por suicídio do que em situações de confronto. Por isso defendemos um Programa efetivo que possa atuar preventivamente em relação aos acidentes, traumas e adoecimentos laborais, melhorando a condição de trabalho dos policiais e demais profissionais da área, assim como procedimentos que garantam que os atos decisórios de superiores hierárquicos sobre punições, escalas, lotações e transferências sejam devidamente motivados e fundamentados.

8- A marcha da periferia se mobiliza em defesa das ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social), entendendo-as como instrumento de valorização dos bairros, de suas identidades e culturas. Nas lutas comunitárias surgem as reivindicações por direitos básicos e ações coletivas que fortalecem o território, como hortas comunitárias, saneamento, coleta seletiva e preservação dos rios e lagoas, fundamentais diante do avanço dos impactos da crise climática. Denunciamos o racismo ambiental, que mantém as periferias invisibilizadas e sem políticas públicas adequadas. Reivindicamos valorização dos territórios, equidade racial e saneamento básico. Exigimos que o poder público reconheça que a falta de infraestrutura nas periferias é fruto de escolhas políticas e que garanta investimentos imediatos em coleta de lixo, drenagem, iluminação e urbanização, com participação popular nas decisões. Não aceitaremos que nossas vidas continuem tratadas como descartáveis. Afirmamos que justiça ambiental é inseparável da justiça racial e que a atenção global a esse tema é urgente.

9- A marcha da periferia estabelece um compromisso com as periferias do mundo. Os dados sobre o povo palestino sob a ocupação do estado de Israel, os dados sobre os povos indígenas diante da neocolonização no Brasil e os dados sobre o povo pobre das periferias sob o Estado de Exceção, poderiam, com alguma facilidade, ser substituídos e ninguém perceberia. Os números não negam, é genocídio pros povos indígenas, originários e pobres. Diante disso, nos somamos a rede internacional pelo estabelecimento do Estado Palestino e a dissolução do Estado de Israel. Para isso, nos aliançamos ao BDS, movimento por Boicote, Desenvolvimento e Sanções e exigimos que o Estado brasileiro faça o mesmo: rompa todas as relações diplomáticas e econômicas com o Estado Sionista. No Brasil, exigimos a demarcação, a desintrusão e a garantia de que os povos indígenas poderão viver do seu modo tradicional. Do Brasil à Palestina, a autodeterminação dos povos e a solidariedade precisam ser os balizadores de toda movimentação externa. Nessa mesma corrente e seguindo os caminhos dos povos indígenas em Pindorama, exigimos a demarcação e a regularização fundiária das terras dos povos originários e quilombolas do Ceará, o respeito e a valorização de seus territórios. O Brasil é terra indígena!

10- A Marcha da Periferia é resistência, e na luta por bem viver, é necessário que falemos das mulheres negras, responsáveis pelos cuidados coletivos e domésticos. As mulheres negras, maior índice populacional do nosso país, também lutam e vêm em Marcha para refletirmos sobre o que não pode ser reparável, como suas vidas, seus filhos e familiares, como o tempo perdido em encarceramento e em condições de trabalhos desumanos. A Marcha Global das Mulheres Negras ocorrida neste ano, fortalece todas as mulheres (cis, travestis e transexuais) como agentes de direitos e defensoras de direitos humanos, reforçando suas potencialidades e o grito por reconhecimento de suas lutas e trajetórias. Reivindicamos reparação com a ocupação de mulheres negras como Ministras do STF, a defesa ao meio ambiente, o reconhecimento da pluralidade de feminilidades e a demarcação dos territórios quilombolas para alcançarmos o bem viver. Reivindicamos que o estado do Ceará garanta políticas públicas de reparação e bem viver para pessoas negras do estado.

11 - O Ceará é um dos poucos estados com órgãos voltados para a população LGBTQIAPN+, como a Secretaria da Diversidade, o Centro de Referencia Thina Rodrigues e a Delegacia de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou Orientação Sexual (Decrin). Mas, mesmo com tudo isso, seguimos entre os estados que mais matam pessoas LGBTQIAPN+, especialmente Trans e Travestis. Segundo a ANTRA (2025), somos o segundo em assassinatos dessa população. Por isso, precisamos avançar de verdade: ampliar o Centro de Referência para o interior, fortalecer e expandir a DECRIN, garantir ambulatórios de saúde integral em todo o estado, criar Casas de Acolhimento para pessoas Trans e Travestis em situação de rua e implementar as cotas Trans nas universidades, com acesso e permanência de fato. Não podemos continuar sendo um dos lugares mais letais do país enquanto dizemos ser referência em políticas LGBTQIAPN+. Seguimos na luta porque pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo e Não Binárias merecem viver com dignidade, segurança e sem medo é por vida plena e sem violência que seguimos organizadas e resistindo.

Encerramos reafirmando que a 13ª Marcha da Periferia de Fortaleza é mais do que um ato: é a continuidade de um legado histórico de resistência construída por mulheres negras, juventudes periféricas, povos oprimidos, trabalhadores e comunidades que nunca deixaram de lutar, mesmo diante da violência e da negligência cotidiana do Estado. Marchamos porque nossos corpos seguem sendo alvos, mas também porque nossas vozes seguem irrompendo as cercas do silêncio imposto às periferias. Marchamos porque acreditamos na força da organização popular e na construção coletiva de um novo projeto de sociedade, antirracista, antimanicomial, antimachista, antitransfóbico e verdadeiramente democrático.

Seguiremos nos bairros, nas escolas, nos territórios e nas instituições disputando políticas públicas, denunciando injustiças, fortalecendo redes de apoio e construindo bem viver. Nada nos será dado, tudo será conquistado com a força do povo organizado. Enquanto houver racismo, violência, desigualdade e opressão, haverá marcha.



130 MARCHA DA PERIFERIA

29 de novembro de 2025.

**CURIÓ CANTA POR LIBERDADE: LUTAMOS POR REPARAÇÃO
E BEM VIVER DAS FAVELAS À PALESTINA!**